

Em um ano até agora marcado pelas turbulências no cenário geopolítico e preocupações com uma possível recessão nas principais economias mundiais, julho trouxe um certo alívio ao mercado financeiro, afetado principalmente por notícias ruins na economia, que aumentaram a possibilidade de que o FED não tenha que aumentar muito os juros. A principal bolsa dos EUA, S&P 500 subiu 9,11% em julho, melhor mês desde novembro de 2020, enquanto a bolsa brasileira se valorizou 4,69%, ao passo que o dólar perdeu 1,11%.

No cenário internacional os riscos de recessão cresceram, com indicadores econômicos de atividade nos EUA mostrando desaceleração, apesar de um mercado de trabalho extremamente aquecido – isso foi demonstrado no último payroll, que teve criações de vagas bem acima do esperado. De toda forma, o PIB americano mostrou contração do 2º trimestre de 2022 quando comparado com o mesmo período do ano passado, mostrando assim duas quedas seguidas. Esse quadro coloca a economia dos EUA tecnicamente em recessão, que é, entretanto, descartada por quase todos agentes econômicos, dado o mercado de trabalho praticamente em pleno emprego, o nível alto do consumo interno e o crescimento dos lucros das companhias americanas.

Na Europa, o Banco Central Europeu surpreendeu o mundo ao subir a taxa de juros em 0,5%, primeiro aumento em mais de uma década, e que reflete a preocupação da autoridade monetária com a inflação galopante na região. As perspectivas para a Europa seguem preocupantes, devido à incerteza com relação ao fornecimento de gás russo para o resto do continente, frente ao inverno que se aproxima.

Já na China, o PIB apresentou desempenho abaixo do esperado, reflexo da política de Covid zero no país. Passada a pior fase da pandemia no país asiático, as preocupações se voltam para o mercado imobiliário, forte motor de crescimento do país, após problemas de pagamentos de hipotecas por parte de compradores.

No Brasil destacamos o aumento de 0,5% na taxa de juros por parte do COPOM, com indícios que deve ser a última elevação do ciclo de alta. Ao mesmo tempo, os indicadores de atividade e crescimento aparecem cada vez melhores, levando as projeções do PIB para cima e do desemprego para baixo. O mercado de trabalho continua bastante forte, com a taxa de desemprego em 9,3%, menor patamar desde 2015. Outro destaque fica por conta da deflação do mês de julho que, embora esperada pelo mercado, traz alívio para o índice neste ano, trazendo a projeção de fechamento para próximo de 7%, frente a previsões entre 9 e 10% antes das medidas anunciadas pelo governo federal. Apesar do alívio temporário, as perspectivas inflacionárias para o ano que vem seguem aumentando semanalmente no boletim FOCUS, do Banco Central.

Diante de todo esse cenário bastante complexo, na renda fixa prosseguimos garimpando oportunidades com duration mais longa para ativos atrelados ao CDI e IPCA de boas empresas, ao passo que os títulos prefixados já mostraram fechamento com o cenário mais favorável em julho.

Na parte de renda variável, mesmo com a recuperação do mês, continuamos enxergando bastante valor em nossa bolsa, apesar do cenário eleitoral e risco de recessão à frente. Em nossa avaliação, a bolsa brasileira continua descontada com relação a múltiplos históricos, e em outros períodos que chegou nesses patamares, gerou retornos bastante positivos à frente.

Alguns fatores que corroboram com nosso otimismo são os atuais programas de recompras de ações de empresas brasileiras - 54 no momento - e a continuidade da entrada de investidores estrangeiros na bolsa nos últimos períodos.